



SERRA DE MONTE MAIOR

No Oeste galego e numha latitude central, há umhas serras de mui escassa altitude e de pendentes suaves, que vam da zona de Ordes cara Vimianço e a Costa da Morte. A mais importante é a Serra de Monte Maior, umha formaçom granítica duns 400 m de altitude média e um máximo de 595 m que divide a comarca ordense da de Bergantinhos. Nom tem tanto interesse por ela mesma como polos diferentes vales e zonas que articula ao seu redor.

CRIAÇOM

Marcos Abalde é um escritor com alma de filólogo. Em 2006, a sua obra *Canibalismo*, publicada agora pela Estaleiro Editora, foi elegida entre as obras apresentadas em várias línguas para receber o Prémio Josep Robrenyo de Teatro, concedido pola *Associació d'Investigació i Experimentació Teatral*. Desta volta achegamos uma nova peça comovente.

PROGRAMANDO FILMINHOS

Xurxo Chirro, programador galego nas duas primeiras ediçoms do Filminho, explica como graças ao festival pudo saber de dentro como surge e como funciona um encontro cinematográfico.

A GALIZA NATURAL

Anfíbios: Perigo de extinção global!!!

João Aveledo

Das mais de quatro mil espécies de anfíbios que existem no planeta, quinze moram na nossa terra, um número elevado para um contexto europeu e para um território das dimensões da Galiza. O que não deve surpreender, pois apesar do preconceito comum da “suave uniformidade galega”, o nosso é país de enorme variedade climática e morfológica, pródigo em meios naturais diversos.

No “país dos mil rios” abundaram, até há pouco, rãs, sapos, tritões e salamandras. No entanto, nas últimas duas décadas o seu declínio tem sido muito notório... E não só aqui, mas em todo o mundo. Falamos numa diminuição global (até um terço das espécies estão em perigo de extinção!!!). As causas nem sempre claras: o buraco na camada de ozono (são animais especialmente sensíveis à radiação ultravioleta), a alteração dos

habitats, a introdução de espécies exóticas, os poluentes químicos, doenças como a quitridiomycose... e -como não?- a suposta mudança climática.

Segundo Pedro Galán, o nosso principal herpetólogo, cinco são as espécies galegas mais ameaçadas: a quioglossa (*Chioglossa lusitanica*), o sapo-de-unha-negra (*Pelobates cultripes*), a rã-ibérica (*Rana iberica*), a rã-vermelha (*Rana temporaria parvipalmata*) e a rela (*Hyla arbo-*

rea mollerii). A quioglossa é uma salamandra rara de cor dourada, exclusiva dos bosques do noroeste peninsular. O sapo-de-unha-negra é uma espécie mediterrânica que tem na metade sul da Galiza o seu limite setentrional de distribuição, é o mais ameaçado dos anfíbios galegos. As outras três são rãs endé-

mico das duas últimas (aqui ainda estaria em discussão). Na cultura tradicional, os anfíbios, designadamente sapos e salamandras, têm sido considerados seres maléficos e peçonhentos.

Pouco de verdade há nesta crença, ainda que na sua pele existam glândulas que segregam um veneno lactescente e viscoso... que apenas produziria uma leve irritação se estivesse em contato com as mucosas. Como vimos, muito mais perigosos somos os *Homo sapiens* para estes inofensivos animais. A nossa poluição é a mais terrível das peçonhas para os anfíbios... e ainda para nós próprios.

Na cultura tradicional, os anfíbios, designadamente sapos e salamandras, têm sido considerados seres maléficos. Ainda que na sua pele existam glândulas que segregam um veneno, apenas produziria uma leve irritação em contato com as mucosas

micas do norte da Península (pois menos a nível de subespécie, pois o enquadramento taxonó-



O sapo-de-unha-negra é o anfíbio galego mais ameaçado



GEOGRAFIA

SERRA DE MONTE MAIOR: A MAE DOS RIOS

C.C.V.

No Oeste galego e numha latitude central, há umhas serras de mui escassa altitude e de pendentes suaves, que vam da zona de Ordes cara Vimianço e a Costa da Morte. A mais importante é a Serra de Monte Maior, umha formaçom granítica duns 400 m de altitude média e um máximo de 595 m que divide a comarca ordense da de Bergantinhos. Nom tem tanto interesse por ela mesma como polos diferentes vales e zonas que articula ao seu redor. Recebe o nome da homónima paróquia larachesa, o que provoca que haja que falar desta serra em dous sentidos: umha limitando-se aos montes desta

paróquia e próximas; noutra, abrangendo o Monte Xalo, tope montanhoso perante o Golfo Ártabro, e o Monte do Castelo, na intersecçom Ordes-Bergantinhos-Jalhas.

No plano geológico, a variedade é grande: a zona granítica contrasta com a natureza esquitosa do vale do Anlhons e o altiplano de Ordes. Na cara bergantinhá há zonas argilosas, como na Barreira de Lendo. Mas o minério mas destacado para a exploraçom foi o volfrâmio: nos montes de Lendo a carom do Atlântico, e sobretudo na zona de Tordóia-Carvalho, em cuja exploraçom por parte dos nazis tivo umha determinante influéncia para as elites locais¹. Além disso, há várias canteiras que ameaçam, sobretudo, o Monte Xalo.

Os principais picos som o Angélio (541 m) no Monte Xalo, que oferece belas vistas sobre o golfo Ártabro; o alto de Meda (565 m); o coto de Altamira (522 m); no Monte do Castelo chega-se aos 569; e o mais alto, em Cerzeda, o Monte Cerdera ou Pico do Castelo, que praticamente chega aos 600 metros. Da serra brotam, pola zona do Xalo, o rio Varzês, afluente do Mero que atravessa o outrora fértil vale de Encrovas e Várzea. Mui perto, dentro do concelho de Cerzeda, nasce o Anlhons de Pondal, que sulca o celeiro que era Bergantinhos até achar o mar em Ponte-cesso. Na zona mais nordeste da serra poderse-ia incluir também a baixada do vale de Loureda até o mar.

Para a bacia do Tambre nasce o Lengüelhe, o seu principal afluente. No leste da serra, nasce o Jalhas -único rio da Europa que desemboca em ferverença-, no Monte do Castelo. Nom mui longe nasce o Duvra, rio que atravessa o belo vale do mesmo nome.

A imaginada fronteira entre Ordes e Bergantinhos toma corpo na Pedra da Meda, extrema também entre as freguesias de Soandres e Monte Maior. A 547 m, a Pedra da Meda inspirou dúzias de contos e lendas. Na zona abundam estas penas curiosas que a tradiçom popular se encarregou de dar significado, vários castros e castelos de antes da Idade Média. Carré Aldao fala-nos da aldeia de Buçarelos, onde está o dólmen chamado popularmente Casa dos Mouros. Há vários monumentos do megalitismo na zona. Pode-se destacar a beleza das formaçoms graníticas do Monte Xalo, onde a emblemática Pedra Maçafacha acolhia rituais que, segundo os teóricos mais atrevidos, serviam para protegerem-se dos temporais do Atlântico.

Agora, o Petom do Xalo alberga um monumento secularizado para a escalada, com umha das vias mais difíceis do país. Este monte é no que, ademais, se juntavam as meigas de toda a Galiza na véspera do Sam Joám. O castro de Santa Baia conserva a muralha, desde a que podemos divisar o Atlântico e vigiar à sua vez o

O verao é recebido polos bilitroques brancos, e a primavera pola flor *Asphodelus lusitanicus*, com cujo alongado rabo -o gamom, cucha, cucha mona ou cucho- as crianças faziam carros de bois enquanto os velhos recordavam que “quando venhem as abortenhas, vem a erva para o gado”. Na fauna conta entre os mamíferos com o coelho, o porco bravo, a donizela, o esquio, o raposo, o corço, a gineta e o lobo ibérico

começo do vale do Anlhons. Na parte alta de Soandres avistam-se nos dias claros as Sisargas

enfrente de Malpica. Na divisória entre as duas bacias que assinalávamos, achava o seu caminho a via romana da Per Loca Marítima, que na altura de Soandres colhe caminho cara Sam Martinho de Cerzeda, Mesom do Bento, etc., comunicado a mansom de Glandimiro em Carvalho e a de Atricondo, supostamente em Castro Maior, em Abegondo.

Na flora destacam as espécies endémicas do Monte do Castelo, mais ameaçadas se cabe pola invasom de moinhos de vento. Nesse monte encontra-se umha populaçom única, de menos de 7.000 exemplares da *Silva-Pando*, *Centaurea ultreiae*, planta perene de folhas dispostas em roseta e corola amarela ou alaranjada, de mui difícil polinizaçom. Há também na serra orquídeas galegas², como a *Linaria triornithophora*, conhecidas popularmente como “Paxariños”, que se dá na Alta de Soandres; a *Serapio cordigera* L., a “Crista-de-galo-grande”, já no vale do rio Navalho. Entre maio e julho pode-se encontrar também em Soandres a *Dactylorhiza elata*, também em perigo de desapareçom. Dá-se também umha bela variedade de cor branca da *Digitalis Purpurea*: cada Sam Joám renasce a flor dos estouros recordando o anarquista de Cabo Vilanho José Esmoris “Abeleiras”, que tentou sem êxito fugir da barbárie fascista agachando-se na serra. A esta serra fugirom também os combatentes do Exército Guerrilheiro da Galiza que entraram realizar umha expropriaçom na casa do alcalde falangista de Cerzeda, e era zona habitual do Destacamento Dourado Janeiro da mesma.

O verao é recebido polos bilitroques brancos, e a primavera pola flor *Asphodelus lusitanicus*, com cujo alongado rabo -o gamom, cucha, cucha mona ou cucho- as crianças faziam carros de bois enquanto os velhos recordavam que “quando venhem as abortenhas, vem a erva para o gado”. Na fauna conta entre os mamíferos com o coelho, o porco bravo, a donizela, o esquio, o raposo, o corço, a gineta e o lobo ibérico. Nos anfíbios há que destacar a píntega própria da Galiza, a *Chioglossa lusitanica*, que se estende polo norte de Portugal e oeste de Astúrias, espécie indicativa da boa qualidade da água.

NOTAS:

* Quase todos os dados devem-se a Masus Lopes, incansável recuperador da memória da sua comarca.

1. Ver “Dinheiro nazi financiou grandes empresas galegas”, *NOVAS DA GALIZA* n.º 93.

2. Ver “Orquídeas selvagens” de João Aveledo, na *Revista* n.º 19, *NOVAS DA GALIZA* n.º 79





A VINDIMA COMO MÉTODO DE REINserÇÃO SOCIAL

Sole Rei



Os labores de recolhida da uva começam este mês nos vinhedos galegos. Só na Denominação de Origem Rias Baixas participam arredor de 30.000 trabalhadores, dos que uns 3.000 são temporários. Mas o que para alguns é simplesmente um jeito de conseguir uns rendimentos extra, para outros pode significar muito mais. Esse é o caso de Belém e doutras nove pessoas, ex-toxicómanas em processo de reabilitação, que trabalham na vindima no Paço de Baió.

A que há só uns anos fora propriedade de Laureano Oubinha e símbolo do narcotráfico no Salnés colabora agora, desde que foi adquirida pola cooperativa vitivinícola Condés de Albarei, com o Plano Nacional Sobre Drogas e com a Conselharia de Sanidade na reinserção sociolaboral de pessoas para as que encontrar emprego é demasiado amiúde tarefa impossível. “Quando dizes que estás com a metadona esquecem-se de ti”, explica Belém, que afirma sentir-se “mais contenta que um oitão” com a “oportunidade” brindada.

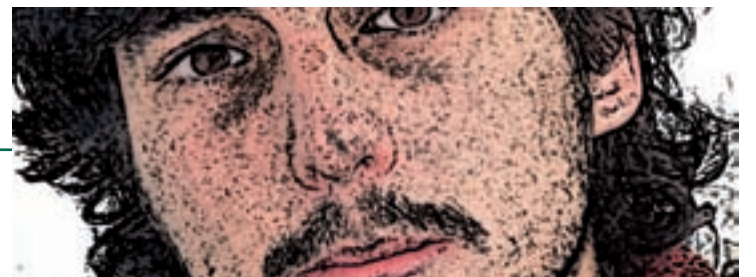
CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No Novas da Galiza pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Marcos Abalde é membro do colectivo autogerido Estaleiro Editora, onde acaba de publicar a obra *Canibalismo*, vencedora do Prémio Josep Robrenyo de Teatro em 2008. Desta volta achega-nos uma nova peça comovente.



Ninguém, muro, nós

ASTERION: Percorrem o labirinto. Umha atrás da outra. Nom sabem onde vam. Arrumada, disciplinada, perfeita, a praga controlada. Quando a cinza fura a pele, inunda a garganta, oculta os rostos, as crianças depressa perdem a vontade de brincar.

MARIA: Marta, tens as unhas partidas.

MARTA: Nem as sinto.

MARIA: Sangram-che os dedos.

MARTA: A mim só me alivia cavar.

MARIA: Deixa de magoar-te.

MARTA: Cavar dentro de mim até chegar ao osso, até tornar o meu ventre um ninho de víboras. Quero parir. Parir sem descanso.

MARIA: E se envenenas a terra?

MARTA: Conservaremos o inimigo.

MARIA: Com ele nom partilhamos o mesmo céu?

MARTA: O nosso lar nom é um campo

de refugiados.

MARIA: Tanta dor seca os rios.

MARTA: Os exércitos esfolarám as tuas palavras.

MARIA: Eu nom figem nada.

MARTA: A nossa terra é a terra de ninguém. Ninguém nom pode falar, nom pode sofrer, nom pode existir. Decretárom o nosso extermínio. Bombardeárom a escola, o hospital, o mercado. Este cancro até esmaga os cemitérios. Os nossos mortos gritam vingança.

MARIA: Cavemos. Esta ferida será o nosso hino.

MARTA: Em silêncio nom imos apodrecer.

MARIA: Cada dia, o muro aperta-nos com mais força. Quanto poderemos resistir?

MARTA: Nossa é a vitória, pois ficamos enraizadas nas vítimas deste pesadelo. Os seus nomes coroam a nossa boca, limpam-na, orvalho da manhã.

MARIA: Tu estás certa? As nossas filhas, ao verem os cans vadios, nom nos cuspirám na cara?

MARTA: Nunca. As metrópoles famnos invisíveis, rasgam as nossas coxas, com as suas mentiras esquartejam o mundo. Nós falamos a língua das mártires, cicatrizamos o abismo, lembramos as oliveiras. Maria, é o teu turno. Ilumina o exílio com o teu sangue.

MARIA: Há aí um senhor vestido de verde que di que eu nom podó passar, que lhe mostre a documentação. Eu vou ver a minha mae. Ela está doente. Na cama. Nom dou com os papéis. Dime que baixe as calças, que suba as maos, que conhece bem os da nossa raça. Pom-se para trás. Aponta-me com o seu fuzil.

MARTA: Comerei a carne do meu conquistador.

MARIA: Chama polos seus.

MARTA: A primavera capitalista.

MARIA: A primavera parlamentar.

MARTA: Bebo dos teus seios o leite

amargo.

MARIA: O leite amargo dos meus seios abrasa-me.

MARTA: Esse homem nom merecia morrer. Havia que o matar.

MARIA: A Nakba é a nossa pátria.

ASTERION: Eu nom queria. Fostes vós quem o escolhestes. Cinco soldados para umha menina acho que bastarám. É preciso humilhá-los, assustá-los bem. Fazer com que se mijem como se está a mijar esta. Quando a deixarmos livre, imos saber o que é umha mulher-bomba, um povo-bomba. Elas nom deviam estar aqui. Tens as pernas a quinze centímetros do chao. Tratam-te como se fosses umha boneca. Tu gritas. Aprendes a mascar o ódio. Estás paralisada. Um bando de lobos engancha-se ao teu cu. Às tuas costas, o cano do fuzil. À tua frente, o cano do fuzil. Qual é a saída? Tu nom! Tu nom te atrevas a julgar-me! Bem sabes que as putas nom se podem violar!

MARIA: Essa noite do meu corpo abatido brotou a cançom do deserto.



LÍNGUA NACIONAL

Esconder a barriga

Valentim R. Fagim

Uma das imagens que me ficou gravada dos desenhos animados que via na infância é umha cena da abelha Maia. Vili, seu amigão molengão, fizera umha travessura e, prestes a ser apanhado pola professora Kasandra, escondeu-se. Ocultou-se atrás de umha coluna estreita e ficou a olhar para a parede a pensar: se eu nom os vejo, eles nom me podem ver. Como lembraredes, Vili era grosso e o seu corpo naturalmente sobressaía nitidamente da coluna.

Uma das constantes do galeguismo hegemónico na atualidade é precisamente ocultar, no seu caso, o castelhano e o português. O do português já sabemos como é: 27 gerações de alunas e alunas a estudarem galego na

escola para saírem dela sem saber que a língua de Portugal e do Brasil também é sua. Creio que nom é preciso indicar a revalorização da nossa língua e da própria matéria escolar se se oferecesse o sabor lusitano e brasileiro do galego. Algum dia terám que explicar-nos as bondades desta estratégia e nom o vam ter fácil.

O do castelhano tem um esquema diferente mas resume-se em: eu nom vejo a presença do castelhano no galego, portanto a minha língua está livre de quaisquer interferências. O interessante é ser precisamente a ocultação do português o que nom permite detetar o muito castelhano que há nas nossas falas e escritas. Ora, é tam fácil de ver como a barriga do Vili.

Para isso é preciso dominar o galego de Portugal e do Brasil, porque são as variedades que ficaram livres da interferência profunda do castelhano essencialmente porque tinham e tenhem... estado. Reconheçamos, no entanto, que olhar para a parede também tem as suas vantagens.



CAMPA AUDIOVISUAL

Programando Filminhos

Xurxo Chirro

Fui o programador galego do Filminho nas duas primeiras edições. Na atualidade já nom estou vinculado a este festival de cinema, nom obstante, desejo-lhe toda a sorte do mundo na próxima edição que, como novidade mais importante, vai ser deslocada de Julho para Setembro tentando encontrar o seu sítio dentro da cada vez mais densa agenda anual deste tipo de eventos. Graças ao Filminho puidem saber de dentro como surge e como funciona um encontro cinematográfico. Umha experiência que agora me leva a intentar sistematizar todo o que rodeia a política que acocha a programação das distintas sessões que configuram um festival de cinema.

Num princípio sempre há que intentar pôr em valor a causa pola que gravita o festival. No caso do Filminho, esta deve-se a propiciar um ponto de encontro entre o cinema galego e o portu-

guês. Umha motivação que a defende a Lei do Audiovisual da Galiza de 1999 já que, no seu Artigo 8.º, refere, dumha maneira mui acertada, que há que potenciar as relações audiovisuais com Portugal. Até o dia de hoje, esta teima só foi assumida, de maneira clara e concisa, polo Filminho.

O cinema galego nunca foi contemplado com autonomia na sua identidade mais que nada porque sempre era visto como umha emanção periférica da cinematografia espanhola. O Filminho combinava em iguais condições as duas cinematografias do ocidente peninsular. Desta maneira, o audiovisual galego tinha um escaparate idóneo onde se olhar e interagir ao carom dumha cinematografia com umha escala mais abordável. Esta perspectiva provocou umha ruptura no tradicional jeito de observar o cinema galego que era sendo contemplado polo prisma taylorista da indústria norte-americana pola que devece desde há décadas o cinema espanhol.

Mais nom só isso. Que nin-

guém duvide que a criação do Filminho vinha demandado por umha necessidade dumha determinada política audiovisual do bipartido difundida pola Agência Audiovisual Galega. Durante esses anos urgia umha plataforma onde dar a conhecer ao público, crítica e meios de comunicação os novos talentos do audiovisual galego que, com a ajuda do fundo para "criadores individuais", irrompiam com força no panorama da Galiza. Estes trabalhos arriscados tinham moitas dificuldades em se chegar aos festivais consolidados do território galego mais que nada porque neles se fazia umha afronta constante procedendo a marginalizar a produção local em seções secundárias ou meramente testemunhais.

Apesar de tudo, esta ideia tivo um ponto fraco, no lugar que menos se aguardava, concretamente no aspecto referencial, isto é, no espelho no que o audiovisual galego tinha que reparar: o cinema português. Umha deficiente programação portuguesa fijo com que nom se

cumprissem completamente as expectativas criadas sobre este choque de cinematografias. A ideia era que os filmes portugueses fossem mais e de maior qualidade do que os galegos, considerando que a cinematografia portuguesa é umha das melhores do mundo pola sua qualidade insubornável em critérios de vanguarda cinematográfica.

Foi assim, com estas virtudes e defeitos, como a cinematografia galega tivo a primeira consciência da sua existência, das suas possibilidades. A primeira edição do Filminho passará à história nom polos seus erros de organização –que os houve e muitos– mas porque o júri reconheceu um palmarés em que houve umha plêiade de cineastas que som ou se converterám daqui a pouco em nomes senlleiros: Oliver Laxe, Ángel Santos, Gonçalo Tocha, Peque Varela e Lara Bacelo. Umha primeira vinculação geracional que no caso dos galegos se convertia no primeiro sintoma de que nos encontramos entre o que se pode denominar, dumha

vez por todas, como Novo Cinema Galego.

No segundo ano tentou-se corrigir o problema mais deficitário, que era contar com filmes portugueses de valia tendo em conta que o ciclo galego do 2009 era baixo. Foi assim como fôrom feitos esforços denodados por intentar conseguir elevar a contribuição de Portugal contando com um dos melhores filmes europeus do que levamos de século: *Aquele Querido Mês de Agosto* de Miguel Gomes.

Com esta breve memória do Filminho, gostaria de assinalar a importância da programação para o êxito dum festival nom só quando acontece, mas quando se lembra. Também este rol, o da programação, tem de fazer-se notar certo compromisso para com a produção local tentando ir além do gosto do público e encaminhar-se a intrometer-se nas dinâmicas criativas por meio dumha série de correspondências e associações que podem fortalecer filmes, autores e mesmo cinematografias por mui pequenas que estas sejam.